

Valdecir de Oliveira Anselmo



Recanto aprazível

Poesias
2008

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

1 - Alma, anelo e luz

Tudo o que a alma anseia, o que ela anela
imane a ela será, como um séquito de luz
Como o que de si transluz e lhe embebe no acalanto
Como um melífluo e meigo canto de sereia que seduz

Tudo o que a alma anseia, o que ela anela
tem o vivaz brilho duma estrela e nele a sua onipresença
Com as certezas de uma crença, solidamente arraigada
acena à luz, desdenha o nada, e asas tem por recompensa

Tudo o que a alma anseia, o que ela anela
tem na virtude a luz daquela a quem anjo vela tão cioso
como um guardião pressuroso, no escrínio do seu peito,
o anjo já então afeito, a acalantar ao seio, um esperar precioso.
23/10/2007

2 – Resfôlego

Quando o espírito, num ensejo de refocilo,
Em algum recanto, um retiro, se estatela, arquejante
Com o suor de andejante a brotar-lhe da fronte
Vislumbra então horizonte com o estro dum requestante

A verve, melíflua, se insufla em seu ser
Vem-lhe então embevecer e lhe estreita ao acalanto
De algum méleo encanto que perpassa qual olor
De uma imarcescível flor que nasceu em tal recanto

Põe-se em pé o andarilho, de si já recomposto
Sorriso vivo no rosto, o ânimo então recobrado
Entéia voz ao seu lado, a lhe insuflar alegria
Pois vendo o brilho do dia não mais se encontra alquebrado.
19/10/2007

3 – Recanto luzente

Quando d'alma eclode toda ternura
Há a vivaz recendência da candura a se espriar, qual farol
Há o frescor do sol, em aprazível recanto
Em seu efusivo acalanto a oscular o arrebol

Quando d'alma eclode toda ternura
Não há uma só criatura que empedernida há de ficar
Ante o brilho de um olhar e a refulgência dum sorriso
Ante a luz do paraíso que vem nas frentes rebrilhar

Quando d'alma eclode toda ternura
Qualquer alma tem a alvura do seu mais cândido anelo
Tudo é perfeito ou o será, com o desvelo prestimoso
De algum anjo garboso, que erigirá seu castelo
No cimo de algum monte formoso.

17/10/2007

4 – Um bom livro, um reconforto

Ensimesmada a alma, em colóquios com o encanto então silente
com o efusivo e vivazmente ensejo de alegria
Trazendo pra luz do dia seu afagante desvelo
Que alinda a tudo e faz do belo tudo o que a alma então nutria

Sem os atrozes assomos da melancolia a acometer
Somente a alacridade enternecer, oriunda de belo livro, em olência
E que tem a tal recendência que faz então se alegrar
A quem vier perguntar por que do riso em anuência

Pra que a luz então te envolva, no afago da leitura
A nortear-te na procura dum aprazível recanto
Onde um refocilo, um acalanto, faz-te então refestelar
E venha então acalmar a quem estiver só em pranto.
03/10/2007

5 – Leitura

Na melifluência da leitura a alma divaga
Deambula em vagas lembranças, embebidas em ternura
Tendo a doce candura que embebe seus anelos
E traz álacres desvelos d'anjo, que te olha lá da altura

Na melifluência da leitura, na oniricidade a alma se deleita
Torna-se então ela eleita, diletta pupila do encanto
No estreitar dum acalanto, a envolvendo em seu véu
Traz a ti, então, parte do céu, a te ofertar, em seu recanto

Na melifluência da leitura que pode mais a alma anelar?
Pode ao mesmo tempo ela estar na penumbra dum devaneio
E estar, assim, de permeio, se imiscuindo na luz
Pois dela, por fim, transluz o vivaz brilho de seu mais nobre anseio.
03/10/2007

6 – Encanto, magnetismo do espírito

Quando a inebriância do encanto embebe a alma, suscita nela deleite intenso

E não há olhar que seja infenso a luz que lhe dimana

Não há alma que se ufana de lhe deslindar os seus arcanos

Pois em falácias e em enganos incorrem todos que julgam a carne soberana

O encanto está no espírito, dele provem seu hausto

Que faz do poeta fausto, em alacridade onírica

Entrajando a feérica veste nubente

Ofertando, tão docemente, pra musa bela, poesia rica

Quando a inebriância do encanto embebe a alma

Não mais dolência, somente calma, aflora então

Ouve-lhe a voz do coração e essa é melifluente

Não finge, não mente, não diz um “não”.

25/10/2007

7 – Enleio dulcifluente

Não deixe, meigo encanto, que se arrefeça, um só momento
Um tão puro pensamento, fomentado pela luz do que é mais sublime
Deixe que venha, que então rime, com o mais decantado dos termos
Pra que quando lermos seus versos nossa alma se anime

Não deixe, meigo encanto, que a luz se esvaia, um só momento
E se tremeluzir que esteja atento nosso espírito, então vivaz
E que seja também audaz pra afugentar toda ilusão
E que em sobejo no coração só a alegria, que nos apraz

Não deixe, meigo encanto, que se arrefeça deleite intenso
Deixe o espírito então propenso a acalantar ao nobre seio
Um onírico devaneio, desses que criam os paraísos
Desses que suscitam álacres sorrisos, com a esperança em doce
enleio.

30/10/2007

8 - Catedral

Ser poeta é como ter um templo na alma, uma catedral portentosa
É como ter a alma garbosa ou anelar esse garbo
E ter um largo sorriso que a singeleza suscita
E não falar em desdita, sequer opor um embargo

À felicidade da alma, essa que lhe espera à frente
E acalantar, tão fremente, como por um anjo enlevado
E ouvir sussurros ao lado, exortações de alegria
Sorrir, fagueiro, pro dia, de encanto estar abastado

Poesia, intimista oração, é pra alma um conforto
É alijar o desgosto bem pra longe, a esvair-se
É sentir-se, então, calidamente estreitado
Por algum anjo amado, na sua essência fundir-se.
31/10/2007

9 – Poesia e poeta

Ah, poesia! Não deixemos a alma compungida, demo-lhe alento
Falaremos-lhe de luz, em ensejado momento, falaremos de amor
Não rimaremos com dor, é uma rima pobre!
Falaremos de sobre as nuvens, com ardor!

Ah, poesia! Não deixemos a alma compungida, demo-lhe alento
Não falaremos de lamento, falaremos de ternura
Falaremos lá d'altura, lá do píncaro estrelado
Estelífero e silente, assim calado, demo-lhe voz, demo-lhe rosto
Damo-lhe sorriso, vivo e com gosto, damo-lhe verso bem acabado

Ah, poesia! Não deixemos a alma compungida
Insuflamo-lhe vida, entusiasmo lhe damos
E não tenhamos malícia, no olhar só encanto
Não somos anjo nem santo, porém o céu almejamos.
01/11/2007

10 - Roupagem d'alma

Unissonante à candura entoaremos um canto
Em algum recanto recôndito, em recendência aprazível
Buscamos lá o inexaurível deleite, em manancial tão constante!
Buscamos a luz, um instante, e o céu será acessível!

Buscamos a luz de algum anjo, e lhe fazer companhia
E evitamos alarde, a algaravia, e ser simples... Ter, então, esse
anelo!
Deixar o véu do encanto, com seu desvelo, estreitar
Deixar a alma entrajar, e ter com o céu algum elo!

Abluiremos os corpos onde a nereida descansa
Buscamos-lhe a confiança, demo-lhe mimo sincero!
E quiçá desespero seja alijado pro léu
E que se achegue o céu, a nos eximir do desterro!
05/11/2007

11 - Evolvendo

Laudatórios versos a tudo o que há de mais belo
Encomiástico desvelo requestando a todo encanto
um decantado acalanto, desses que enaltecem a ternura
desses de mélea candura, a se espriar num recanto!

Almas nobres, gentis, artistas de toda monta
olhem o arrebol que desponta, se embebam na luz que dimana
E quando a alma se ufana, não lhe admoestem a auto-estima
pois não desdoura a bela rima fugaz vaidade tão humana!

Não a estimulem, tão pouco a cerceiem. Deixem-na exaurir
Ela por si há de ir, quando evolver o poeta
Quando a alma, desperta, buscar então outros lares
Quando, então, outros ares respirará mais afeita.
06/11/2007

12 - Busca serena

Diante de ti, oh encanto, minha alma se enleva
Onde, efetivamente, deva ela estar, por uma escolha sua
E não uma imposição que se insinua na velada trama dum destino
imposto
Não ao ditame, mas ao gosto, ao talante, atua

Diante de ti, oh encanto, que mais hei de anelar?
Não me bastará já estar embebido em toda luz?
Quando de mim transluz tudo o que mais tenho apreço
Tudo o que busco, apeteço, e que ao paraíso conduz

Diante de ti, oh encanto, o mais empedernido se abrandando
E toda demanda de luz será suprida em abastança
Pois toda a esperança anelada nos corações tão sinceros
Alijará desesperos pra onde feneça a lembrança.
09/11/2007

13 - Apoteose

- Falaremos, oh poeta, disse a poesia, contente
Falaremos, tão vivazmente, do que lateja no peito
Do que já estás meio afeito a aceitar como certo
Falaremos dum inolvidável concerto, no qual também me deleito

Acalentando à lembrança do encanto suscitado
Do amor exaltado nas entrelinhas de um verso
Onde contigo converso e me ouves, enlevado, com o entusiasmo
constante
Com a alma anelante, haurindo a luz do Universo!

Falaremos, meu poeta, da alacridade no céu, desses anjinhos
fagueiros
Desses sorrisos primeiros, que alicerçam o encanto
Sob os auspícios de um canto, de algum coral enlevado
Que sobre um estrado sagrado pedia pro céu acalanto.

11/11/2007

14 - Kamila

Quando a alma em lampejo sob a luz tão vivaz
Buscará ser audaz, externar seu anseio
Buscará, de permeio, imiscuir-se no encanto
Buscando afago, acalanto, em si mesmo, não no alheio

Quando a alma em lampejo sob a luz tão brilhante
Não quererá, doravante, outra luz que a então guie
Outra luz que a desvie do caminho a trilhar
Porquanto há de ficar naquela que lhe atavie

Da dulcifluência do encanto, a perpassar na alma, recendendo
Perfume que passas colhendo como flores num vergel
Com os olores do céu a abastar-te de luz
Pois de ti transluz tudo o que flui como o mel.
12/11/2007

15 – Céu dentro d'alma

Quando a singeleza, em recendência tão aprazível
Tornar exequível todo anelo de luz, deixar que se embeba
N'alma e que receba, sem cogitar outro enlace
Sem deixar que perpassasse junto a si outro sonho, e que em seu seio
perceba

A efusão tão vivaz, em dúlcidas evagações
Embevecidas apreciações na captura dum fugidio encanto
Deleitar-se em recanto, estirar-se na alfombra
Refocilos na sombra, ouvidos acurados pr'um canto

Que a harmonia no próprio ser a evocar
Quando sereno há de estar, a alacridade atraindo
Entéia luz lhe sorrindo, desvelando o segredo
Não sentirá mais o medo, pois do céu o alento está por fim advindo!
15/11/2007

16 - Para os lados e para o Céu

Unissonante ao encanto, pro céu elevaremos poemas
E que sejam amenas as evocações propaladas
Pois são esperanças arraigadas no imo de nossas almas sorridentes
Que tenham frescores olentes a luz, das nossas essências emanadas!

Fiquemos, com as vozes dos nossos anjinhos
Haurimo-los o candor para os nossos caminhos então florir
Buscamos sorrir para uníssonos sermos um coro
Façamos com o decoro dos que anelam o doce existir!

Fiquemos com os nossos anjinhos, abraçamos os mesmos!
Não demos beijos aos esmos, beijamos os que nos são afinados!
Não só pra frente olhemos, olhemos pros lados também
Olhemos pro céu que então vem a nos oscular, como seus filhos
amados!

18/11/2007

17 - Como um anjo...

Vamos sorrir, vamos nos embeber na alegria!
Vamos trazer pra luz do dia nosso entusiasmo contagiante
Com tal arroubo delirante, sem medirmos consequência!
Buscando na pura essência o que nos deixa o ser tão confiante!

Vamos sorrir, nos embeber no entusiasmo!
Deixar que quedem, pasmos, os que não compreendem a alegria
Sem que haja algaravia, somente a paz do nosso olhar!
Somente a luz a se espraiar em campo contíguo à sintonia!

E que um anjo, todo embevecido, que por nós perpasse
Nos estreite, nos enlace, com as asas dum querubim
E que os olores dum jardim, de melifluências amenas
Não recendam perfumes apenas, mas tudo o que anelarmos, enfim!
21/11/2007

18 - Inebriância

Inebriemos, pois, disse o anjinho, inebriemos na capitosidade de um afeto

Busquemos ser justo, correto, na constância do sentir
Façamos do nosso existir um cântico melifluente de luz
Aquele que se traduz em qualquer língua que há e as que sucederem
ao porvir

Cantemos, então! Inebriados, então cantemos!
E como a luz voejaremos em adejos encantados
Pois somos seres alados, tendo as asas ao pensamento
Podendo estar aqui no momento, mas nem por isso enfadados!

A poesia nos dá asas e com ela sempre estaremos
Com ela jamais morreremos, pois não fenece quem sonha!
Só quem tem a alma tristonha, quem ensimesma a alegria
Quem não sorri para o dia, quem julga a vida enfadonha!
22/11/2007

19 – Inspiração

Todo encanto alude o frescor d'alma, em toda a sua dulcifluência
Embebendo nossa essência em aroma divinal, o deleite decantado!
Ainda em poema inacabado, eternamente a concluir!
Em cada doce existir um trecho do mesmo declamado!

Então, poesia, busquemos a companhia almejada
Da célebre plêiade, enleada em suas tramas
De poetas com seus dramas e inconfessos amores
Busquemos, em seus pendores, em suas verves as chamas!

Haurimos fagulhas suas, de seus estros os resquícios!
Que venham então os auspícios, o mecenato das musas!
Fazendo as almas inclusas nesse seletto Parnaso!

**Busquemos o seu enlaço, pra termos as nossas poesias,
finalmente, conclusas!**

25/11/2007

20 - Postura e anelo

Querida poesia! Não falaremos do efêmero, esse já passou!
Nem falaremos do que restou, pois é um legado do olvido!
Do que estava oculto, perdido, e que alguém julgou resgatar!
Busquemos, sim, requestar o afeto, de encanto espontâneo, surgido!

Acalentemos na alma o que no horizonte desponta
Sem arrostarmos, com afronta, o que já passou, com desdém!
Deixemos no peito, também, e que se transmude em ternura!
Que um anjo nos vele d'altura, e que nos embeba em seu bem!

Chega de enviarmos pro céu mais impropérios, praguejos!
Que então melífluos desejos venham de nós dimanar!
Que então do nosso cantar dulcifluid só o encanto!
Que tenha o méleo acalanto por fim a nos deleitar!
27/11/2007

21 - A poesia de Deus e o afago da Luz

Originou-se o espírito das emanações divinas
Das fainas da Superna Inteligência
De Sua excelsa Ciência dimanou-se toda vida
E que, deificamente, a consolida. Embebida em sua essência!

Tudo o que existe, tudo o que há manifesto
Tudo se insere ao contexto do Sempiterno pensar
Tudo a exalar do Seu hausto e nada, nada que o acaso possa a si
pleitear autoria
Pois em tudo, em tudo há harmonia e tudo perfeito há de estar!

Tudo faz parte da Lei e o é natural
A evolução é constante e cabal e todos os seres a tendem
E aqueles que a não compreendem são levados pela mão
Não assim de roldão, mas respeitando ao talante, pois a todos a Luz
seus fulgores estendem.

05/04//2007

22 - Ao piano

Um anjo sentou-se ao piano em saleta embebida em luz
E o enlevo se lhe abduz ao dedilhar primeiro acorde
E solfejava entusiasmado a melodia, que em concorde, duetava com
a pureza
Entrajando-o com a leveza que o elevava além do Orbe

Sobre as nuvens em adejo o diletante musicista
Era o dileto solista da Inspiração que lhe acossava
Que nem um átimo de tempo se lhe dava sem sussurrar ao pé-de-
ouvido
Um trecho da sonata que haurido na vívida luz que dealbava

Requestando afeto a quem versos ao teclado então compunha
Tendo por testemunha a oniricidade do encanto
A recender sua ternura em recanto aprazivelmente anelável
Em musicalidade agradável aos sentidos. Um méleo acalanto.
Valdecir de Oliveira Anselmo

12/04/2007

23 – Débora

Hoje um anjo adejou em um céu tirante ao azul dos dias belos
Embebendo de desvelos, com a ternura a lhe inspirar,
Sem ter guerra a deflagrar ao que destoa, ao desencanto!
Insuflando de acalanto - esse alento – pra alma então se abastar!

Dia inolvidável! Dia impar o é, certamente!
Nele a doçura, brotando de vertente inefável. Fluindo em candura!
Embevecendo qualquer criatura que se tenha nela abluído
Fazendo-se o ser comovido e o alteando à altura!

Digo que o dia alindou-se, pois o dedico a alguém
Pra quem a luz se detém só pra fitar-lhe o olhar
Só pra deixar-se enlevar, pra seguir depois tão contente
Espargindo tão meleamente a doçura, que veio em nele encontrar!
21/04/2007

24 - Poesia, guia das almas

Deslindar as almas, se imiscuir nos corações...
São por demais pretensões que não ocorrem à poesia!
Nem idolatrar rebeldia, mas ser livre ao natural!
Anelar o eternal, mesmo vivendo cada dia!

Ter a alma alegre, mas sem a alegria estouvada!
Que não obstante calada, sua voz se eleva ao céu!
Ter consigo, ao farnel, o escrínio dos grandes afetos!
Ter pensamentos corretos, não lançados ao léu!

Ser alada a alma, mas não ter as asas de cera!
Ter a vera paixão, aquela gana ao criar!
E um respeito ao amar, com a sinceridade afeita!
Ah! Ser poeta não é fácil! Mas deixe a poesia guiar!
28/11/2007

25 - Os deuses e os poetas

Os deuses pro Olimpo, os santos ao Empíreo
E pra que não haja martírio demos o Parnaso aos poetas!
Que o façam, esses estetas, amantes do puro e do belo
Seu ideal, seu anelo, sua alegria completa!

Precisam os mesmos recanto, pra refocilo d'alma
Onde haja paz, haja calma, pra então haver criação!
Que esteja ao alcance da mão a pena leve e obreira!
Que quando a palavra primeira lhes chegar tenham um chão!

Sensíveis são os poetas, não podem ser contrariados!
Não aceitam ver rejeitados os seus pedidos pro céu!
Transcrevem os mesmos em papel e então declamam, fagueiros!
Como, então, não atende-los e ser assim tão cruel?
29/11/2007

26 - Joyce Karine (Alegria Generosa)

A alacridade perpassa em tu'alma e transluz dela
Como a lucecência d'estrela a deslindar oníricos recantos
Em melífluos e olorosos cantos, unissonantes à ternura
Que ataviam a alma de alvura, nesses almejos d'encantos

Tudo, os pensamentos e os atos d'alma são recendências
E tudo são meigas olências a refluir aprazíveis, projetando-se em um
céu
Em dulcifluente limpidez, em desvel, tirante ao azul plácido
Nesse cálido ósculo que não se perde ao léu

Alegria! Alegrias devem recender as almas brandas
Em abluências nas lavandas dos mananciais da esperança
Generosas quais criança ofertando a mão vazia
Dizendo: - Aqui havia e aqui sempre haverá abundância
Um sopro de alento, meu afeto, generosa porção da minha alegria.
16/07/2007

27 - Oráculo de Delfos (Vates e Aedos)

Dos helenísticos tempos, em linguagem sibilina
Eis que sílfide menina, de beleza incotejável
Deslindava o insondável destino, enigmática pitonisa!
Era a doce poetisa desse templo memorável

Os poetas são, de Apolo, os vates enteus!
Aqueles que haurem de Deus a inspiração tão sagrada!
E fazem do templo de Apolo morada e refúgio da Musa
Que deixa a alma confusa, levemente inebriada!

Canta Érato o passado, o presente e o futuro
Traz consigo o depuro para o espírito, em seu verso
Deixa-o imerso em deleite, deixa-o sorrir ao seu canto
Deixa-o, ao recanto, ao Parnaso, a poetar com o Universo.
05/12/2007

28 - Anelante

O que buscas, meu poeta? O que anela?
Olho-te e estás embevecido, à janela! O que pensa?
Sim, dispensa a ilusão, estreita junto ao peito
Tudo o que for tão perfeito ou o que lhe tenha a sentença!

Ah, mas o que sabem os poetas da perfeição que decantam?
Pois eles compõem e então cantam esses seus versos pretensos
A alcançar em consensos junto aos deuses, ao panteão!
E ter, por fim, a ilação dos grandes seres ascensos!

Ah, mas os poetas nem pensam na perfeição quando escrevem!
Tampouco eles se atrevem a desvendar os segredos!
Só se desnudam dos medos, pra se entrajarem em esperança
Pra então terem, em abastança, a viva luz dos seus credos!
07/12/2007

29 - Encanto bucólico

Ah, poesia, não deixemos que o encanto se arrefeça!
Nem que a alma então padeça numa atroz melancolia!
Façamos canções que a alegri exortem!
Peçamos pros anjos que voltem a nos fazer companhia!

Ah, poesia, não deixemos que o encanto se arrefeça!
Peçamos a um fauno que se compadeça da nossa falta de fé!
E que a ninfa, dum igarapé, cante, em uníssono com esse!
E que tenha então o interesse de nos guiar para o céu! Sim, até!

Ah, poesia, sorrimos, então, para o mundo!
O nosso sorriso é fecundo e dele eclode alegria!
Para cada raiar do dia tenhamos palavra serena!
E que a flauta avena, de nosso fauno encantado, seja então nosso
guia!

10/12/2007

30 – Campos Elísios

Na fagueirice da poesia a alma s'enleva
E digo à Musa: - Leva contigo, aos Elísios campos, essas imagens
belas!
Que busco então retê-las pra não se dissiparem ao vento
Estreito-as ao pensamento, e no seu escrínio intento então conte-las!

Ah, poesia, prepara meu recanto, em algum aprazível vale!
E então rogo que fale, peça a Hades, a melifluência
Desse Letes, riacho de olência remissível, que flua então no meu
recanto!
E que nele canto de canoras aves tenha a sua recendência!

Ah, poesia, prepara o meu lugar entre os heróis, os poetas e os
virtuosos!
Esses seres venturosos que refocilam-se nos Elísios!
Esses que brincam em seus rios, se abluindo suas essências!
Esses que vivem existências na luz e não nos delírios!

12/12/2007

31 – Minerva

Hoje a Musa embebeu-me na sua inaudita alegria!
E então ouvi a poesia mais linda que concebida foi!
E então saudei com um “oi”, meio assim sem jeito!
O encanto arfando o peito, mas mesmo assim não dói!

Olhei, num enlevo alegre! O mesmo assim tão puro!
E vi o meigo acuro, a dedicação tamanha!
E digo até façanha da musa da poesia!
E não é apologia, é um constatar daquele que lhe acompanha!

Sim, daquele que lhe acompanha alegre os seus passos resolutos!
Anelos impolutos que então eleva aos céus!
Levai os versos meus! Esses assim singelos!
Estreita-os em teus desvelos e entrega-os, por fim, a Deus!
16/12/2007

32 – Fênix

Oh, encanto aprazível, onde em refocilo a alma se deleita!
Essa alma, já feita, a decantar o belo imanente em tudo!
Destarte e, sobretudo, em diletantismo enlevado, intrínseco ao ser!
Indelével, sem fenecer! Inexorável, sem enfadar, contudo!

Beber, no manancial de Letes, o esquecimento!
Não ter, então, o tormento a admoestar noite e dia!
Ter a luz da poesia, a te trazer lenitivo!
E não ficar tão cativo do que só traz agonia!

Disse-me a Musa: - Essa é a ave, símbolo do que renasce sempre!
Aquela que dentre os seres mitológicos é a mais bela!
E que os olhos ao vê-la relanceiam, então
Do Paraíso a visão, doravante inolvidável! Que por fim nos desvela!
18/12/2007

33 - Sorriso, adejo de luz em minh'alma

Se imiscuindo em minh'alma teu sorriso adentra
Antes se concentra no coração, lhe perpassando!
E, por fim, lhe tocando, em comoção tão sublime
Que por instante vi-me para o céu evolando!

Dize-me, oh poesia! O que coteja ao riso dela?
Será o brilho duma estrela que nele a alma se embebeu?
Ou musa de luz de ninfeu encanto, em arrebol flamejante?
Ah, feérica imagem cambiante que no céu então se esplandeceu!

Nidifica nos refolhos d'alma, mora o teu sorriso nest'imo
Pois de tudo o que estimo esse é inolvidável
Pois de sobejo amável adeja então vivazmente
Escandindo, melifluamente, verso de luz sobre uma paragem
agradável!

24/12/2007

34 - Poesia, luz primordial

Nos primórdios do tempo um verso adejava
E com ele palavra um anjo assaz embevecido!
Pois tendo seu imo haurido em manancial de todo encanto

**Em algum recanto aprazível mais luz que
permutava com algum seu protegido!**

Na luz primordial, em sua abluência, em sobejo
Só tinha na essência o desejo de levar um pouco a um poeta!
Em sua oferta discreta, sem suscitar melindre algum!
Inspirando, então, um verso comovente, a dimanar duma caneta!

- Releia, agora, meu poeta, transcrito o que está sobre o papel
É o que te trago do céu, embrulhado em meu desvelo!
É o que te suscita anelo pro céu também trasladar
Para ao meu lado ficar, embevecidos, ambos, no belo!

26/12/2007

35 - Plêiade dileta

Ah, meus poetas, plêiade dileta! O que os anjos nos reservam?
Pois eles observam. Vedes, lá d'altura!
Com equânime postura, olhar inquebrantável!
Não obstante, afável, com a graça embebida em ternura!

Vedes, eles são belos! Ah, quão belos eles são!
Eles te osculam, irmão, com esse bafejo da brisa suave
Que suscitou o voejar d'ave canora, melifluindo seu canto
No céu d'algum recanto onde a grandeza da estrela deu o seu nome
pra clave!

Cantemos, poetas, com a blandície da singeleza!
Embebamos na pureza nossos espíritos sequiosos!
Não somos anjos formosos, mais anelamos seus entrijes
Pois não somos seres fugazes, somos eternos infatigáveis,
laboriosos!

30/12/2007

36 - Superno mundo

Hoje a alma de si exalou toda a candura imanente!
E de seu imo a semente da perfeição lampejou!
Fugazmente, por certo, mas deixou indelével resquício!
Que alude o indício de que o Céu retornou!

Inda não se fixou, inda tímido está!
Pois dentro d'alma não há arraigada doçura!
Mas lampeja a ternura em momento de luz
Quando do peito transluz a flama, inda tépida quentura!

Mas tempo há de chegar em que constante será!
E que ficará indelével todo momento fraterno!
A se imprimir no eterno paraíso dos sonhos!
E que os anjos risonhos sustentem esse futuro mundo superno!
31/12/2007

37 - Plenitude

Quando um sentimento se imiscui n'alma, e a insufla de uma plenitude inopinada
Percebe-se que a antes sopitada blandície imanente era ao ser!
Que vem, então, transparecer, transluzindo lenidade

**Através da inquebrantável vontade de
estremunhar-se na luz! A lhe comprazer!**

O encanto vem entreter a alma, lhe estreita e lhe oscula!
Com diligência, lhe adula, como se acarinha o ser diletto!
Fazendo-o anelar o completo deleite! Esse enlevo na ternura!
Essa graça lá d'altura advinda, e que é um toque sutil do afeto!

Percebe-se a unicidade dos seres, a fraternidade perpassando
Nos espíritos e adentrando nos corações mais serenos, lhes inculcando
parcimônia
Nos gestos e no sentir. Alijando a errônea idéia de que fadamos
estamos ao esquecimento
Por parte do Universo! Relegados ao fenecimento! Destoantes da
sua harmonia!
03/01/2008

38 – Tugúrio

Estimados, acalentemos em nossos espíritos o anelo da alegria supina!

Busquemos o que a nós se destina, com o afã dos poetas!
Saíamos dos tugúrios da poesia, nós, anacoretas, na ânsia de
externar

O que os espírito a acalentar como anelos, como metas!

Anelemos a melifluente expressão dos anjos, a mais límpida e
maviosa!

A que atavia a alma garbosa de todo encanto que então puder haurir!
Em manancial de luz, a fluir, num álveo dum porvir ditoso!
Ter olhar, num enlevo blandicioso! Embeber-se, então, em
dulcifluente existir!

Dizia um anjo que uma das virtudes mais excelsas é a bonomia!
Ela é essa tal alquimia que cura as almas dos males que as
acometem!

Traz os desejos que remetem ao Paraíso, esse recanto aprazível!
Que se torna, então visível para aqueles que de alva luz se vestem!

07/01/2008